



Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 3 de Janeiro de 1976 * Ano XXXII — N.º 830 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: **Padre Américo**

Director: **Padre Luiz**



Aniversário da Obra

FOI no dia do Santíssimo Nome de Jesus de 1940 que a Obra da Rua começou. Completa, portanto, agora, trinta e seis anos de existência, ao serviço de Deus e dos Homens. Se recordamos a efeméride não é para nos envaidecermos do trabalho realizado, que muito foi, aliás, mas para darmos graças ao seu Autor, para Quem nada é impossível, mesmo quando se serve de homens fracos e pecadores para realizar os Seus planos de Amor. Que Deus seja louvado!

Mantiveram-se em funcionamento em Portugal as suas cinco Casas do Gaiato e os quatro Lares (Porto, Coimbra, Lisboa e Setúbal); o Calvário procurou continuar a ser, como sempre, o refúgio dos doentes incuráveis, abandonados ou sem família; o Património dos Pobres foi o estímulo e o amparo que levou a muitas famílias a possuir habitação própria; outros tipos de ajudas, muitas vezes veiculados através de «O Gaiato», foram mobilizados em ordem a acudir a situações muitas vezes angustiosas, de Irmãos carecidos do essencial ou vivendo a braços com sérias dificuldades. Em Angola mantivemos, apesar de todas as vicissitudes, as Casas de Malanje e de Benguela, dando ali os nossos Padres Telmo e Manuel, com os seus Colaboradores, um testemunho vivo de fé e de amor, que nem os tiroteios ou as convulsões dramáticas que lá se têm vivido conseguiram abalar; as centenas de refugiados que a elas têm acorrido, de todas as raças, idades e condições, buscando oásis de paz, são disso um exemplar testemunho. Quanto a Moçambique há a registar, infelizmente, a remoção compulsiva da nossa Comunidade das instalações que, com muito suor e trabalho, foram construídas no Infulene, na sequência de um processo há muito esperado, e cujo desfecho, humanamente falando, não vemos que seja outro, senão a retirada de Padre Zé Maria e da respectiva equipa de trabalho. De resto, só Deus poderá avaliar das horas difíceis que ali se têm vivido e dos sacrifícios e das humilhações sofridos ao longo dos dois últimos anos, por Deus e pelos Homens.

Continuou «O Gaiato» no seu estilo peculiar, simples e incisivo, na sua função de «desordeiro», a levar a voz dos que a não têm aos ouvidos dos seus Leitores, espalhados por todo o Mundo. A comunhão e o intercâmbio estabelecidos, de que são prova real a inúmera correspondência recebida e os milhares de pessoas que todos os anos nos visitam, representam para nós um estímulo e algo de conforto, em ordem a não arrefecermos no nosso empenhamento e a mantermos o ânimo indispensável para fazer face às agruras da vida, nem sempre fácil e compreendida.

Dum modo geral podemos afirmar que a amizade dos Homens se tem mantido para com a Obra, pois viram sempre nela um instrumento ao seu serviço; diríamos, melhor, que tem aumentado. Assim, apesar dos subsídios oficiais ou oficiosos terem diminuído, e eles nunca ultrapassaram mais de 5% dos

Continua na TERCEIRA página

AS NOSSAS Edições

● «PÃO DOS POBRES»

Vai aguçando o apetite dos Leitores! Quando esta edição de «O GAIATO» sair para a rua estarão impressos quatro ou cinco cadernos da obra — seguindo a marcha normal. Entretanto, o esboço e montagem da capa ocupam já os nossos estetas, que pediram a colaboração urgente de Padre Horácio: descobrir uma foto da Baixa coimbrã dos anos 30/40, abrangendo a zona de antros miseráveis que fora tarimba de Pai Américo e motivara a Obra da Rua; incluindo a velha torre da Universidade. Contrastezinho de sub-capas.

Na ausência do 1.º, andam na baila o 2.º e 3.º volumes do «PÃO DOS POBRES», cujo aspecto gráfico não cativa ninguém. É certo! Mas que importa? Não são livros de estante.

Ouçamos Pai Américo:

«Lágrimas vivas, vertidas por Irmãos nossos, não pode o primeiro volume do «PÃO DOS POBRES», nem os mais, ser distribuído ao público, mas sim colocado em mãos de visitante do

Cont. na TERCEIRA pág.

«(...) Mas o que mais me entenece é ver e ouvir os miúdos do Barredo, quando ouvem que eu ando por lá. Eles já sabem aonde eu vou e querem que vá muitas vezes. Eles sabem do que eu dou ao seu pequenino irmão doente. Sabem tudo quanto eu lhe digo e repetem-no a mim. Sabem tudo quanto ele me diz. Sabem dos brinquedos, das laranjas. Descem ao pormenor. São entusiastas. Quem quiser generosidade da boa, vá buscá-la ao coração dos garotos da rua! Nunca fui tão triunfante, e mais visito por ali casos bem dolorosos! Então quê? É a simpatia deles que faz o triunfo! Tem acontecido, para lhes fugir, trocar o caminho e entrar no Barredo pela Sé. Não vale a pena. Ali mesmo eles surgem. «Já sabemos aonde vai!».

Pai Américo

Tribuna de Coimbra

«Chegou o Martins, o nosso herói» — foi a voz que ecoou por toda a Casa, naquele dia à noite, quando o António Martins chegou, depois dos acontecimentos do 25 de Novembro. Todos o recebemos com abraços de muito alegria.

O António Martins, dos Comandos da Amadora, estivera uns dias antes na TV a contar como fora a morte do Tenente Coimbra e do seu próprio braço ferido por bala que lhe batera na ponta da arma. A sua fotografia apareceu nos jornais e andou por aqui de mãos em mãos.

Eu acredito e louvo estes heróis nacionais. Louvo a heroicidade do Tenente Coimbra, de 24 anos, mártir da Pátria poucos dias antes do casamento que, ao saber o que se estava a passar em Lisboa, interrompe voluntariamente a sua licença, regressa ao quartel e toma o seu lugar. E já na luta, quando tenta socorrer o nosso António Martins, é atingido por uma bala mortal. O Porto, sua terra natal, recebeu-o triunfalmente. Lisboa acorreu à Basílica da Estrela. Coimbra reuniu-se à passagem na cidade. As terras do percurso

ladearam a estrada de flores.

Este nosso crédito e louvor vai também para os heróis nacionais, conhecidos e desconhecidos que lutaram na guerra — ou para que não houvesse guerra — nestes 14 anos de sangue no Ultramar que, no final, nada disfrutaram do seu martírio. Outros que se titulam heróis — mas de heroicidade só terão o rótulo — vão sugando o sangue dos heróis... e alguns até se vão louvando e promovendo...

Cont. na QUARTA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — As deliciosas presenças desta quinzena ultrapassam os limites normais! Realmente — como dizia Pai Américo — «nunca ninguém gritou a fogo que não acudisse logo gente». E continua: «Muita gente não dá por não saber a quem. Esta tinta forte de verdade, salpicando quadros de miséria de Irmãos nossos que não têm casa, nem pão, é luz do Céu para quem ignora a dualidade do grande preceito do Amor: Deus-Próximo». E, por fim, aconselha: «A melhor maneira de resolver os grandes males alheios, é cada um fazer todo o bem que puder dentro da sua esfera de acção. Nem há arma mais eficaz para combater o Mal, do que a prática do Bem. Onde se verifica mais uma vez que o Apóstolo S. Paulo tinha toda a razão quando disse a todo o mundo que a Caridade nunca há-de terminar. Nem pode porque Deus é Caridade».

Como filho, não poderíamos hoje — à laia de introito — deixar de citar Pai Américo, por mor da receptividade dos Leitores, em benefício do caso do Jornaleiro aqui falado em anteriores edições. Materialmente tem o problema resolvido. E de que forma, santo Deus! Das sobras, porém, vamos acudir a outros, noutros lados e noutras circunstâncias. A acção do humilde recoveiro dos Pobres é assim. Não vive em compartimentos estanques, mas procura seguir o critério dos vasos comunicantes!

Na dianteira, são três valés do correio tão poderosos que arrumaram logo o problema! E que dizer da oportunidade e delicadeza cristãs da mensagem?!

«(...) Pedindo desculpa pelo favor, rogo-vos o anonimato. Bastará uma simples referência, para saber se os vales chegaram ao seu destino.

Sinto-me envergonhada por saber que ainda há famílias a viverem em tais condições, num País onde se esbanja tanto!...»

Masouco:

«Em sufrágio das almas dos meus queridos mortos, envio 100\$00 para uma tábua da casa do Pobre e doente.

Eu, ao lembrar-me do desconforto em que vivem os Pobres, já nem sinto o meu. Deus seja por todos!...»

Agora, vem lá uma «Velha Amiga» com «uma pequena migalha para ajuda do «indispensável» para levantar a casa do que tem a «ulçara incurável». Depois, é uma «Professora aposentada», de Fátima, com três notas e «gostaria apenas de saber se chegaram às vossas mãos». Eilas! Um cheque do Porto, para o mesmo fim, da assinante 2811. Mais uma nota da assinante 9022 «para os dois casos» referidos em «O GAIATO» de 22 de Novembro. Mais outro auxílio da rua do Santa Ana, Lisboa;

e um pedido: «Não escrevam o meu nome no jornal». Assim temos feito e continuaremos a fazer.

Em relação ao caso vertente, aí vai a carta de um Vicentino, tão dedicado, que não falha no momento oportuno:

«Fiat voluntas tua..., repetimos vezes sem conta ao rezar o Pai-Nosso. Qual é, porém, a vontade de Deus? Como se manifesta para a cumprirmos?»

Deus é Amor como O definiu o Apóstolo. Creia, pois, que a vontade de Deus se dirige ao Amor. Amor de Deus e amor do Próximo tal é o grande Mandamento do Senhor. E o Próximo Ele nos ensinou quem é na formosa parábola do bom Samaritano.

Para mim, o nosso «Famoso» tem sido bastas vezes o veículo da vontade de Deus e o indicador do Próximo necessitado de amor e ajuda. Desta vez é aquele Irmão da «ulçara incurável».

Fiat voluntas tua! Se é a vontade de Deus, que se cumpra. Aqui vai pois uma pequena ajuda, um cheque. É muito pouco para o necessário e disse peço desculpa, mas é oferecido com amor e veementes votos de boas melhoras do doente.

Agradeço uma oração pelo nosso querido Portugal e por minhas filhas Maria Cristina e Maria Mafalda...»

Em relação à primeira, a segunda parte da procissão não tem menor número de presenças!

Régua, 100\$00. «Uma Mãe», de Lisboa, cinco vezes mais, desabafando

a sua tribulação, Deus a ajude. De Carcavelos pedem que o remanescente de contas seja «aplicado para acudir a alguma necessidade maior da vossa Conferência». Assinante 17929: chegou tudo em ordem. Remessa oportuna! Lisboa, rua da Lapa, 100\$00. O dobro da Covilhã. De um senhor Capitão mais interessado em fazer do que dizer, 50\$00. Velha amiga da rua Ferreira Borges, Coimbra, 300\$00. A assinante 30810 líquida «O LODO E AS ESTRELAS» e passa o resto aos Pobres. Mais 200\$00 do Fundão. Metade do assinante 11247, de Cabeceiras de Basto. Um vale do correio de Albertina e «muitos beijos especialmente para o «Algarvio». Outra vez Lisboa com 300\$00 de Jorge, «em sufrágio das almas de meus Pais e Padrinhos». 20\$00 de velha Amiga, tirados à boca!! Mais Lisboa com 200\$00 para aplicarmos no que melhor entendermos. De Braga, cheque partilhado; retribuimos o abraço com amizade. Mais Lisboa, com 100\$00 «ficando a distribuição ao vosso critério». É delicadeza de princípio ao fim!! O dobro de S. João do Estoril, sublinhando «que o Amor de Cristo continue a ser o nosso traço de união». Dez marcos de algures: «Um pouco do meu pouco para os meus Irmãos mais pobres». Vilar Formoso, 100\$00 «para ajuda da ceia do Natal dos Pobres da Conferência». Finalmente A. C. S., de Lisboa, com um pesado vale do correio.

Muito obrigado, em nome dos Pobres. E retribuimos, com amizade, os votos de santo Natal e Ano Novo.

Júlio Mendes

A venda do Jornal no Norte do País

É a segunda vez que escrevo para o «Famoso». Mas desta vez com uma crónica da venda do jornal no Norte do País.

Seguem para o Porto 5.500 jornais. Alguns vão para terras de fora, como Aveiro, Póvoa de Varzim, Braga, Espinho e Viana do Castelo.

Aveiro era do «Melancia», que levava 400 jornais e vendia-os todos; mas por certas circunstâncias é o Mendão que o está a substituir.

Para Espinho vão 300 e, às vezes, «Riera» e «Ganbão» não os vendem todos!

O «Papagaio» e o «Girassol» são os mais pobrezinhos. O «Girassol» leva 100 jornais para uma cidade tão bonita e tão grande e, de vez em quando, não os vende todos! O «Papagaio» costuma passar 100 e não é de admirar, os vendedores da Póvoa de Varzim, nas férias grandes, vendem por lá 300.

Braga é do «Rouxinol». Deixa lá 200 jornais.

A venda do Porto é feita da seguinte maneira: no sábado de manhã recebemos 100 jornais e vendem-se os que se venderem. Eu, o «Salsichas», sigo com 100 para Valongo e por lá fico na viagem para o Porto. Vendo-os todos. Valongo é terra de boa gente! Ainda no sábado, o Henrique vai a Rio Tinto com 100 jornais e passa-os todos. E leva ainda mais 100 para Rebordãos e despacha-os também. O «François» caminha com 100 para Gondomar e

não tem sobras. É uma zona *bestial!*

Por hoje não tenho mais nada a dizer, a não ser o desejo de Feliz Natal e Ano Novo para os nossos leitores, com um forte abraço de todos os vendedores.

«Salsichas»

PAÇO DE SOUSA

O NATAL E O EMIGRANTE — Com o Natal, as preocupações apareceram aos Emigrantes que só pensam em vir às suas terras passá-lo mais aconchegados — mais junto dos seus.

Emigram porquê?

Talvez porque preferam ir em busca de um ideal que lhe confie segurança e não mal-estar — como em suas casas.

Ou até, talvez, em busca daquilo a que muitos vão — o dinheiro — para assim viverem mais confortáveis.

E suas famílias?

Por vezes ficam, até o chefe de família poder estar em condições capazes de receber os restantes familiares.

Não havia de haver Emigrantes! Eu penso assim.

EXPEDIÇÃO DE JORNAL — Os leitores devem já imaginar o trabalho que dá a expedição do «Famoso» e, ainda por cima, com os C.T.T. a exigirem os jornais cintados!

Pois a expedição está a cargo do Elísio que, ora cinta e dobra, ora tira endereços na máquina própria, a fim de o jornal poder chegar às mãos dos Leitores.

Também procede à contagem do jornal que depois seguirá para distribuição nas outras nossas Casas.

O Avelino também tem tarefa e não é pequena.

Ultimamente tem tido um trabalho para pôr o ficeiro em dia. E não pensem que é pouca coisa, pois vêm diariamente muitas cartas e pedidos de assinaturas do jornal e da Editorial.

Nas horas livres, os da Escola Primária ajudam na dobragem e cintagem do jornal. Além da máquina de dobrar, que também faz muito jeito, os rapazes sempre vão adiantando mais o serviço.

REENCONTRO — No dia 8 de Dezembro, tivemos um jogo com a «selecção» — digamos assim — dos que casaram e dos que já vieram da tropa, com a nossa equipa principal.

Correu da melhor ordem e sem graves problemas. Lá se dava um ou outro, mas sem querer!

O resultado foi a favor da equipa principal por 5-0.

A equipa ou estava em dia «sim» ou a «selecção» era muito fraca.

Relembramos que as bolas devem ser ânimo para o nosso grupo.

A Família cresce



Da esquerda para a direita: Marinho, do Tojal, no dia do seu casamento. Jorge Miguel — filho do João Evangelista Maciel. Ana Cristina — filha do Zé Adolfo.



As nossas Edições

Cont. da PRIMEIRA pág.

Pobre, que conhecem todas as notas do sofrimento e sabem tocá-las com amor. Não será um livro exposto, mas sim procurado.»

E continua:

«Se, porém, o encontro ou a palavra fortuita vierem a colocar o «PÃO DOS POBRES» em mãos curiosas de alguém, que esse, quem quer que seja, não passe adiante sem abrir e ler. Não vão gozar os sentidos, antes vai padecer a alma, ao saber quanto no mundo sofrem imerecidamente os Pobres — nossos Irmãos!»

E remata:

«A queixa deles, amarga e justa, vai soprar as cinzas do teu coração, como faz o vento às folhas caducas; e ficarás num instante deslumbrado com a beleza do tesouro que trazes dentro de ti mesmo, de que nunca destes fé por causa da poeira: o teu coração.»

A radiografia do «PÃO DOS POBRES».

«O LODO E AS ESTRELAS»

Permanece na ordem do dia. Vamos recolher mais alguns extractos de cartas e postais de quem no lê; significativos, oportunos, contundentes.

Lisboa:

«Destá vez fiz como os rapazes pequenos que lambem primeiro o doce e só depois comem o pão...»

Pois assim fiz eu...

Pedi «O LODO E AS ESTRELAS», deliciai-me com a sua leitura e só agora venho remeter o dinheiro que tinha destinado à vossa Editorial...»

Coimbra:

«Li, há anos, a primeira edição do poema «O LODO E AS

Se agora é assim, que fará com as bolas novas?...»

Para a frente e alcançarás o cimo da tabela!

COZINHA NOVA — Já devem saber que a nossa cozinha nova está em funcionamento.

Ultimamente os cozinheiros têm-se portado bem.

Mas, um caso interessante:

Dirigia-me ao refeitório. Era hora de almoço. Sr. Pe. Carlos chamou para reparar numa coisa interessante: os cozinheiros tinham colado a ementa do dia na porta de entrada.

Almoço — Sopa de nabijas, salada russa com fiambre.

Jantar — Sopa de legumes, massa guisada com frango.

Esse costume é inédito, por cá! Então cozinheiros?! Deve ser por brincadeira, com certeza.

Até breve, leitores.

«Marcelino»

ESTRELAS» do Padre Telmo — por favor de um amigo. Tentei em vão adquiri-lo. Fora apreendido e consequentemente proibida nova edição.

Há verdades que incomodam e geram a revolta. Daí a proibição...

Um abraço e um muito obrigado...»

Odivelas:

«Não foi preciso o 25 de Abril para os Padres da Rua contactarem com os problemas sociais e de que maneira...»

Como ninguém, souberam denunciá-los, mas como a linguagem não levava o timbre do ódio, até alguns são capazes de dizer que não o fizeram duma maneira revolucionária...

Como se a maior revolução não fosse a que é levada a cabo pela força do Amor, que é denúncia, que é energia, que é repúdio por tudo o que não é justo, mas sem agitar bandeiras e slogans espalhados que só incitam ao ódio para gerar mais ódio.

No entanto, também quero crer que muitos dos que até dizem não conhecer Deus estão numa linha de Evangelho e esses são os Homens de boa vontade a que se referiu o cântico dos Anjos do Natal...»

Porto:

«O LODO E AS ESTRELAS» é um livro profundamente humano, de enorme grandeza espiritual, que nos faz reflectir que todos nós temos uma quota-parte na Sociedade em que vivemos, com o nosso egoísmo, o nosso desejo de boa instalação na vida e do pensar só no «eu» e por vezes com o nosso comodismo em querer ignorar os problemas dos Marginalizados e Oprimidos, não nos pondo disponíveis a seu lado, ajudando-os na sua promoção e integração na Sociedade, aconselhando-os por vezes ao conformismo e até dizendo-lhes que sofram por amor de Deus. Se eles tivessem capacidade para reflectir diriam que Deus é este que se compraz com o nosso sofrimento? Quando afinal Deus é todo Amor e Libertador e só quer o bem da Humanidade, segredando-lhes que vivam todos em Amor Fraternal. Por isso, este livro é de valor incalculável.

(...) Esperando que a leitura destes livros dê os seus frutos nas pessoas a quem os destino, agradeço ao autor estas belas páginas de Vida e peço-lhe que publique tantas outras das que ele tem vivido depois da publicação do 1.º volume desta obra...»

Júlio Mendes

SETÚBAL

● Há dias tivemos as nossas eleições. Elas são um dos

quês de nossa «desorganização organizada». As nossas normas seguem neste caminho que muitos, ainda hoje, dizem ser de «aventureirismo». Para nós, não. Existimos por via de formarmos Homens e é nesta dimensão que as nossas Comunidades se esforçam — às vezes desfalecidas por energias físicas e morais — tentando quanto possível sermos uma Família, onde os irmãos mais velhos têm a missão de ajudar na educação dos mais novos. Mas o chefe, em nossas Casas, é lançado para outra escola que é a da responsabilidade. Ele dá fé de quanto custa mandar ou governar. O encargo é ainda outra aprendizagem para a integração na Sociedade, onde outra chefia, outro governar o espera.

Eu tenho que as eleições são um acto muito sério, que deve ser bem ponderado por cada um.

Nas nossas Comunidades, tal como noutras de carácter superior, ser chefe implica muita responsabilidade e não só, mas também muito zelo na maneira como age. O ideal será mais

comunicativo quanto maior for a sua noção.

«O Chefe é um igual. Ele não imprime nem oprime. Comunica-se por simpatia...»

Estas são palavras tão actuais de Pai Américo! «Comunica-se.» Aqui o segredo da conquista. Ele foi um conquistado. O seu Mestre ensinou-o e não sabemos onde está a raiz; e tentamos cultivá-la, para que os conquistados de hoje sejam os conquistadores de amanhã.

O Zé Manuel, que veio da nossa Casa de Lourenço Marques, foi eleito Maioral da Comunidade. No final, ele falou; disse aquilo que eu queria que tu ouvisses, porque foi o que senti: pediu a colaboração dos outros; ficou contente pela confiança que nele depositaram; pediu desculpa se alguma vez for mais severo; e não esqueceu de pedir que, «se alguma vez errar o aconselharem».

Isto que é, senão um alerta para todos nós que andamos politizados da cabeça aos pés e não sabemos para onde remar? Que grande lição: «se alguma vez errar peço que me aconselhem!» Aqui temos: a

lição das nossas eleições deste ano. Hoje que se fala tanto em unidade, onde cada um quer impor as suas ideias, levanta-se aqui a voz dum chefe a pedir colaboração e conselhos.

«... Comunica-se por simpatia!»

● Eu mai-lo «Portimão» andamos a forrar de madeira as paredes duma sala que vai ser a salinha dos mais pequenos.

Pois estava eu entregue ao meu labor, quando entra o Chico, aquele pequenito que está sempre vivo, perguntando e respondendo a tudo e a todos. Pois o nosso Chico começa o interrogatório e, depois de tantas perguntas, diz-me que a salinha vai levar alcatifa no chão. Eu já sabia mas fiz-me de novas. E ele insiste que sim senhor; foi o sr. Pe. Aclio que disse. Aproveitei a ocasião para dizer ao Chico, do gosto pelas coisas boas. Ele compreende, e nós temos que dar a este e aos outros coisas boas, conforto e ambiente para que sintam o gosto que antes não tinham.

Aniversário da Obra

Cont. da PRIMEIRA página

encargos, temos podido assegurar às nossas Comunidades o essencial, garantindo-lhes as condições mínimas de trabalho e de bem-estar compatíveis com uma vida modesta mas digna, visando a promoção dos que a ela chegam. Um ou outro facto menos positivo, sobretudo na zona sul do País, há a assinalar, produto de minorias sem significado, talvez mal informadas ou conduzidas por verbalismos inconsequentes de quem muito fala no Povo mas nunca fez ou nada realiza por ele. Conscientes de nossa missão continuaremos no nosso posto, certos de que as contrariedades serão o cimento da nossa determinação.

Eis a traços largos, uma panorâmica da Obra, com os seus 850 membros, no seu 36.º aniversário, à laia de intimidade para com os nossos Amigos mas também para conhecimento

geral. A luz deve brilhar sobre os telhados para que todos a possam enxergar. Compenetrados das nossas limitações, insatisfeitos com o trabalho realizado e sofrendo os nossos fracassos, não podemos deixar, todavia, e mais uma vez, de dar graças a Deus pela tarefa realizada. A Obra da Rua entra no seu novo ano de trabalho com o mesmo espírito de sempre, pois que, alicerçada desde a primeira hora, n'Aquele que é «a pedra angular fundamental», Jesus, conhece pelos seus ocasionais servidores, que «sob o Céu, nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual nós devíamos ser salvos». E, assim, continuará fiel ao espírito de Pai Américo, procurando amar todos os Homens, sobretudo os mais pobres e desprotegidos, denunciando os erros e as injustiças, na convicção de que tudo e todos passarão mas uma só coisa permanecerá: o Amor.

● Temos andado a pôr placas nas instalações das nossas habitações. O forro está muito velho e de tão podre, causa perigo e falta de asseio. Primeiro a cozinha e o refeitório; depois a padaria e anexos; e agora coube a vez da rouparia. Depois será a zona do andar superior.

Nós precisamos de criar ambiente para que eles se sintam bem.

Um monte de vigas e tijoleiras subiram os andaimes pelas mãos e ombros deles. Eles sentem o esforço, mas que dizer do gosto de alguns? Por uma coisa e por outra as nossas obras não acabam e há sempre melhoramentos a fazer — assim tu nos ajudas.

● O Joaquim é o que assiste aos mais pequeninos no quarto deles. Há bocado estávamos a celebrar quando entra ele mais o Alvarinho pela mão e outros ao lado. Eu tenho reparado isto mais vezes e tiro a conclusão: ele é um bocadinho a mãe e chega atrasado por via de aprontar o seu grupinho dos «Batatas».

Oh amor! Oh conquista!...

Ernesto Pinto

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T.A.P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

HABITAÇÃO — Problema primeiro

Não que o assunto ande por aí demasiado debatido, que outros valores se têm alevantado; mas sempre aparece, aqui e além, uma reportagenzinha sobre bairros de lata e congéneres.

Há tempos era num vespertino lisboeta. Uma moradora da Quinta do Pinheiro, «que parece interpretar os sentimentos dos restantes habitantes», concluía assim o seu desabafo: «Olhe que já estamos fartos de reportagens. Os senhores jornalistas vêm cá, até já tivemos uns tipos da televisão holandesa, são todos muito compreensivos, mas não é isso que ajuda a gente. É preciso acabar com esta miséria toda.»

E, continua o vespertino, «uma vizinha acrescentou: — Também estou muito desiludida com a Comissão de Moradores. Já cá vieram, mas ainda não vi resultados. Dei-lhes cem escudos que me fizeram muita falta porque o meu marido ga-

nha quatro contos e é deles que a gente vive: eu, a minha filha e a minha mãe.»

Têm estas mulheres muita razão. O abuso de palavras, de imagens, de acusações de bota-abaixo-o-passado; as esperanças que demagogicamente se alimentam — são puro desperdício de energia e só entravam a resolução do problema. Este, a não haver dinheiro que permita a opção sobre a prioridade a dar-lhe — e não há! — só pode resolver-se com uma mobilização geral ao trabalho, que mereça e arraste com a força intrínseca da Justiça, os meios financeiros que não possam substituir-se.

Suponhamos que, após Abril de 74, se tinha mantido com uma determinação inteligente e forte o nível económico nacional, procurando limitar a desvalorização interna aos reflexos do processo inflacionário mundial; e que, terminada a guerra em África, se dispu-

na dos milhões de contos que ela custava, para os gastar, segundo critérios diferentes dos do passado próximo, em bens fundamentais para o Povo português, em cuja primeira linha figuraria o bem da habitação — então «outro galo nos cantaria!»

Assim, se não for pelo poder do trabalho e pela sua força arrastante, quem vai acreditar que o problema da habitação terá solução condigna em prazo breve?

Não será, pois, fadismo estéril e esterilizante, tanto falar e tão pouco agir e com tão pouca cabeça?! A nossa moradora da Quinta do Pinheiro tem-se roubado a esperança que palavras fáceis e gestos levianos terão chegado a iludir... A vizinha não tirará outros cem escudos da sua fêria de quatro mil sem ver resultados. Tem muita razão! Nem punhamos a tónica da responsabilidade na Comissão de Moradores que, bem orientada, sem segundas intenções, até teria produzido já alguns frutos!

Também nós chegámos a depositar alguma esperança em certas medidas e instituições criadas, que se foram desgastando com a mudança das cabeças que as pensaram e a variação das sentenças que se foram sucedendo, as questões que se foram multiplicando.

ÁFRICA

Aquilo que hoje vou procurar comunicar aos queridos leitores são gritos de alma que já sentia e que naquela manhã, na Praça de S. Pedro do Vaticano, o Papa me fez reviver.

Celebrámos a Missa dominical e nesta celebração foi canonizado o Bispo Missionário Justino de Jacob. O Papa, presidente da assembleia cristã, na palavra apostólica dirigida à grande multidão que enchia completamente a grande praça, cristãos de numerosos países, predominando um enorme grupo da Abissínia onde foi bispo o novo santo, falou-nos da vocação missionária da Igreja.

A Igreja é missionária e os membros que constituem a Igreja têm de ser missionários. E o Papa focou o dever missionário de cada cristão, dever missionário de que foi exemplo S. Justino. Justino, italiano pelo nascimento, aceitou a nova Pátria onde deu toda a sua vida a favor da vida cristã dos Irmãos abissínios.

E falando da vida missionária e apostólica de S. Justino na Abissínia, o Papa recordou toda a África. Toda a África que tem esperado a Luz do Evangelho, que tem esperado por Jesus Salvador. Toda a África que tem esperado por uma melhor vida humano-cristã, vida que lhe devia ser comunicada pelos povos cristãos.

E comecei a recordar a nossa vida missionária, a vida de Portugal missionário, o nosso prego antigo «dilatando a fé» que nos deu um lugar de relevo na História, a vida de tantos Irmãos portugueses que deixaram tudo o que os rodea-

va e até os prendia e foram mar fora acender a Luz de Cristo em terras na escuridão.

Recordei que da primeira vez que fui à África, já em tempo de guerra, os sinais mais sensíveis de vida humana que encontrei, foram levados e deixados pelos nossos missionários: escolas, hospitais, oficinas, culturas, vida social, vida espiritual.

E hoje? Neste tempo em que reconhecemos a autonomia aos nossos Irmãos africanos que lhes deixamos nós com vida autêntica? Os sinais ficaram por lá. Muitos com autêntico espírito missionário querem continuar. Iremos ter novos Mártires e as suas vidas hão-de dar incremento a novas vidas.

E que mais lhes deixamos nós? Há dias alguém, com amargura, me falava:

— Como foi possível Portugal missionário deixar os que foram seus Povos assim em tantas aflições?

Não será este mais um momento da nossa vida nacional, vida de Povo cristão, em que devemos rever em consciência o nosso dever missionário?

Com a dilatação da Fé foi a dilatação do império. Muitos se trocaram e perderam. Os que foram por amor da Fé ganharam, como ganham sempre, embora não estejam livres de tribulações.

Naquela manhã, perdido na multidão, escutando a voz do Papa, pedi ao Senhor que Portugal torne a ter autêntico espírito missionário e não abandone os Povos a que se deu e que, com esse espírito, amou.

Padre Horácio

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA pág.

O nosso António Martins esteve por duas vezes em serviço militar em Angola. Quanta falta deixou na nossa família de que ele era o chefe maior! Quantos sobressaltos na sua e nossa vida? Quantas horas de amargura e angústia sentimos na sua ausência? Nós e todas as famílias que trouxeram por lá os seus filhos. Olhando hoje para a nossa vida nacional e para a vida das jovens nações africanas nossas irmãs nós perguntamos — como sempre perguntámos — valeu a pena? Valeu a pena tanto ódio?, tanto sacrifício?, tanto sangue?, tantas vidas?, tantas lágrimas?, tanto luto? E temos de responder que valeu pouco a pena. Mas estamos convictos que valeu a pena a vida do Tenente Coimbra, a ferida do nosso Martins e o sacrifício de tantos outros para a libertação da Pátria e, com a maioria do Povo Português, louvamos estes heróis e chamamos a todos à concórdia.

Padre Horácio

Que é do S. A. A. L.? O que já fez? Que está fazendo? Que é do Fundo de Fomento da Habitação, do G. T. H. (que não sei o que é... nem devo perder muito!), da EPUL?

Entretanto, por esse País além, sem programas catedráticos nem políticas mesquinhas, quantos Trabalhadores vão resolvendo o seu problema (e com a subtracção do seu en-

riquecem a comunidade nacional), à custa de trabalho, de muito trabalho, de muitíssimo trabalho, adorado pela solidariedade de outros como eles que, sem presumirem de salvadores, prestam a eficaz ajuda, «precisa para acabar com esta miséria toda».

Padre Carlos

Campanha de Assinaturas

Sensibilizou-nos a carta do António Rui, adorável criança que afirma:

«Eu já sou assinante de «O GAIATO». Tenho o n.º 20869. Hoje venho pedir o favor de passarem a mandar o jornal às pessoas que indico num papel ao lado (4 assinantes de Lisboa e Oeiras).

A minha Mãe manda um vale para 3 livros «O LODO E AS ESTRELAS»...»

Se o interesse da Campanha transcender os adultos, cuidado! Já têm vindo, mas virão ainda mais Antónios Ruís ao nosso encontro, com certeza. Mal iria o mundo se não ouvisse a Criança!

Passou agora mesmo, aqui, o nosso Dias. Saco de plástico na mão. Cheinho! A outra mão, aberta. Bolacha aqui, chocolate acolá. O grupo da expedição do jornal mastiga, saboreia, delira. No fim da volta, Dias veio até nós, adoçar a boca também!

— Quem deu?!

— A minha Mãe...

Fica algo suspenso, na resposta! Mira o saco... Sim; haverá neste mundo outro nome mais alto e mais saboroso?: «a minha Mãe».

Berra de lá o «Papagaio»:

— Já vais pró jornal...

Dias saiu lentamente, serenamente, de mão aberta, repartindo a fortuna de sua Mãe.

Ficámos, ainda, confundidos com a delicadeza de muitos intervenientes na procissão. Destemidos, arrojados, na conquista de homens de boa vontade. Outros, ainda, de cora-

ção aberto, revelando a fogueira que os abraza em contacto com o «Famoso», vinculando-se como Assinantes.

«Tenho o prazer de propor mais um Assinante» — afirmam, de Lisboa, dois singelos postais. E, depois, tivemos de parar e ler e reler uma carta de Lídia, que aí vai:

«Escrevo-lhe porque gostava de ser assinante do «Famoso». Mas gostava primeiro de saber quanto é a assinatura de «O GAIATO». Eu leio-o com muita satisfação, apesar dos meus sofrimentos, pois estou doente há 10 anos, não vou à rua, mas ando de muleta em casa, embora com muita dificuldade.

Fico muito confortada quando leio «O GAIATO». Gostava de ter o «Famoso», pois já posuo alguns livros do Padre Américo, cuja leitura me deixa sempre encantada.

Peço muita desculpa por o tempo que lhe estou a roubar...»

Não rouba nada! A sua presença é fermento que levedará muitos outros.

Além de Porto e Lisboa, bem sortidas, recebemos novos Leitores de Aqualva (Cacém), Portimão, Águas Santas, V. N. de Gaia, Setúbal, Vila Franca de Xira, Abrigada, Linda-a-Velha, Murtosa, Pombal, Mira de Aire, Castelo Branco, Santo Amaro de Oeiras, Vildemoinhos (Viseu), Santo Tirso, Figueira da Foz, Aguiar de Sousa (Recarei) e Lagares da Beira.

Júlio Mendes



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa